

# R\$ 1,59

VERA BRANDIMARTE, MAURICIO PALHARES\*

E. PAULA PAVON

pouco animado, depois do otimismo exagerado com que recebeu, na sexta-feira, a notícia da liberação do mercado de câmbio no país. O câmbio continuou disparando e o dólar comercial chegou ao fim da tarde cotado a R\$ 1,59, com ganho de 8,47% no dia. Desde quarta-feira a semana passada, quando o governo começou a mudar a política cambial numa tentativa de promover uma correção controlada da moeda nacional, o real já foi desvalorizado em 21,28% frente ao dólar — se for considerada a taxa média de câmbio no dia apurada pelo Banco Central, que fechou ontem em R\$ 1,5376 para compra e R\$ 1,5384 para venda.

Enquanto os juros no mercado futuro despencavam nos meses mais distantes e só se mantinham firmes para o contrato de fevereiro, as bolsas voltaram a subir, refletindo o impacto da correção do câmbio sobre o valor das ações. A Bovespa teve alta de 5,43%, com um volume financeiro de R\$ 485,792 milhões. A Bolsa de Valores do Rio teve alta de 3,9%. Em São Paulo, o pregão iniciou-se em queda,

avançando a cair 4% às 11h20, mas o movimento se reverteu e o índice manteve-se em alta pelo restante do dia.

**Euforia** — Após o clima de quase euforia da sexta-feira, os bancos ontem voltaram suas atenções para a necessidade agora maior de aprovação de medidas de ajuste fiscal. Sem elas, a credibilidade do país não se recupera e o movimento de saída de capital continuará. O saldo líquido de entrada e saída de dólares do país até às 19h45 estava em US\$ 281 milhões, um pouco abaixo dos US\$ 320 milhões que deixaram o país na sexta-feira. Pelo câmbio comercial, a perda era de US\$ 240 milhões, e pelo fluente, US\$ 41 milhões.

Sem o Banco Central como vendedor da moeda americana, o mercado de câmbio está operando um volume diário muito pequeno. Ontem, o movimento no interbancário chegou a US\$ 1,3 bilhão, na sexta-feira foi de US\$ 1,5 bilhões, bem abaixo dos US\$ 4 bilhões a US\$ 5 bilhões negociados em dias normais. Como ninguém tem segurança ainda sobre o ponto de equilíbrio do real frente ao dólar, quem tem dólares não se dispõe a vender a não ser cobrando preço alto e quem precisa da moeda para cumprir reuniões está, obviamente, pagando caro.

**Volatilidade** — Esse mercado estreito aumenta muito a volatilidade das taxas de câmbio e por isso mesmo já havia ontem instituições financeiras pedindo ao Banco Central que afrouxasse os limites de posições compradas e vendidas em câmbio definidos para os bancos. Outra expectativa frustrada do mercado foi em relação ao fim do câmbio flutuante. A partir do momento em que o Banco Central deixou o mercado de dólar comercial flutuar livremente, perdeu totalmente o sentido a manutenção de um outro mercado de dólar flutuante. A existência dessa taxa do flutuante, que é referência para pagamento de cartão de crédito e outros gastos de turismo da pessoa física, é na verdade um espaço para arbitragem contra o consumidor, que paga uma taxa sempre mais alta para comprar esse dólar. Este mercado, também, é por onde circulam os dólares de origem suspeita. Os bancos esperavam que essas medições saíssem no comunicado divulgado ontem de manhã pela mesa de câmbio do BC.

O mercado futuro de câmbio continuou travado. A Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F) vem aumentando progressivamente os limites diários de oscilação das cotações, mas elas ainda não se ajustaram à nova taxa do mercado à vista. Assim, em toda abertura do pregão, os compradores rapidamente puxam os preços para o teto dado pelo novo limite diário e as operações ficam bloqueadas. Desde quarta-feira, a BM&F já aumentou os limites diários de 1% para 11% no contrato de fevereiro e para 14%

**Juros caem** — As taxas de juros no mercado à vista e futuro voltaram a cair. Sómente a taxa de juros projetada para fevereiro apresentou alta em relação ao fechamento de sexta-feira: 33,92%, contra 32,75%. As demais taxas para os meses subsequentes ficaram em queda. O contrato de março fechou com taxa de 41,68%, contra 43,78% na sexta-feira. Para abril, a taxa projetada foi de 39,50%, contra 45,46% na semana passada. Em maio e junho, a taxa projetada pelo mercado no fechamento de ontem foi 35,20% e 35,82%, respectivamente.

No mercado interbancário à vista, os juros apresentaram leve queda em relação ao fechamento de sexta-feira. A projeção da taxa de curto prazo, a Selic, mostrava que os juros caíram de 30,09% na sexta-feira para 29,94% ontem. Os grandes bancos ainda não alteraram as taxas cobradas para os empréstimos a empresas, em desconto de duplicata e capital de giro. O Banco Real chegou a suspender os empréstimos na semana passada, diante da dificuldade de determinar os valores corretos do custo do dinheiro em meio às mudanças desencadeadas com a nova política cambial. Mas a direção do banco mandou que as operações fossem retomadas ontem. A reunião do Copom, ontem à noite, que ampliou a faixa de flutuação dos juros, deverá tratar novamente as operações de empréstimo hoje.

**Adiantamentos de Contrato de Câmbio (ACC)** — Utilizados pelos exportadores para antecipar receita cambial, as operações permanecem paradas. De um lado, os bancos continuam enfrentando redução em suas linhas de crédito contratadas no exterior, o que faz aumentar os juros. De outro, os próprios exportadores também estão preferindo adiar o momento de vender seus dólares, apostando em novas altas da taxa de câmbio nos próximos dias. Uma grande trading company estrangeira ponderava ontem que não tinha qualquer motivo para techar seu câmbio antecipadamente. De um lado, a empresa de primeira linha teve sua taxa de juros no ACC aumentada de 7% para 9,5% neste início de ano. De outro, a empresa alega que não saberia o que fazer com os reais e que se sente muito mais segura com dólares a receber.

Com o feriado nos Estados Unidos, o mercado de Brades (títulos da dívida externa) também ficou paralisado. Pela manhã, em Londres, ocorreram os únicos negócios com esses papéis ontem. O C-Bond foi negociado a 57,6% de seu valor de face (57% na sexta-feira) e o IDU a 86,6% (87% no fechamento anterior).